

## **Memória e gênero: a construção de uma identidade masculina na velhice**

Rosemeri Monteiro Vedan (UFPR)

### **1- Masculinidade...s - alguns apontamentos**

“O estudo concreto dos homens e do masculino mostra que os homens estão longe de ser um grupo ou uma classe homogênea, e que o que faz deles um grupo social, uma classe(...) não é suficiente para dar conta das relações entre eles” (WELZER-LANG,2004,p.117).Os homens só existem enquanto categoria em relação estrutural com as mulheres, e também com outros homens.

O estudo da masculinidade implica em compreender,antes de mais nada, a heterogeneidade deste universo dito masculino e, conseqüentemente, as relações de poder que se expressam neste mundo masculino. Relações estas,construídas nas interações com o outro. Seja em relação à mulher ou a outros homens, a vivência do que é ser homem nas sociedades ocidentais passa pela demonstração de força, poder,virilidade e algumas vezes por demonstrações de violência. Welzer-Lang(2004) utiliza o termo “Casa dos Homens”para definir espaços marcadamente masculinos.Nestes espaços os homens com maior poder,iniciariam os homens mais novos e aqueles considerados mais fracos, em um mundo construído a partir de suas representações sociais e culturais. A “Casa dos Homens” configura-seem espaços sociais,onde os homens vão definindo as suas atitudes para com outros homens e mulheres.

O poder do discurso sobre o ser homem e o ser mulher, presente em nossa sociedade, dita o tom das relações entre os sexos e define os papéis de gênero. Consoante a isto, o que se estabelece fora dos padrões determinados por uma sociedade marcadamente sexista e defensora de padrões comportamentais de cunho heterossexual, tende a ser subjugado por aqueles

que se consideram mais fortes porque, adequam-se aos valores defendidos pela sociedade. Foucault quando nos fala do conceito de *scientiasexualis* contribui para a compreensão destes padrões aceitáveis ou não de comportamentos, uma vez que a *scientiasexualis* consiste em um conjunto de verdades sobre a sexualidade que, após uma longa elaboração discursiva, define os parâmetros a partir dos quais estabelece-se o aceitável (normal) e o inaceitável (anormal) no campo da sexualidade.

Mulheres, gays, lésbicas e homossexuais são grupos que dentro desta lógica devem ser controlados. Para ser homem é preciso que a virilidade se expresse constantemente nas relações com o outro. O viriarcado define as relações de gênero entre homens/mulheres e homens/homens. Impõe-se um modelo político de gestão dos corpos edificados a partir do modelo de supremacia de um sexo (masculino) sobre outro (feminino). O paradigma naturalista, que define a supremacia masculina sobre a feminina, reflete um padrão de entendimento de que as relações entre sexos, derivam de uma norma política andro-heterocentrada. O homem tido como viril, ativo e dominante, passa a gozar de privilégios de gênero. Os demais indivíduos não participantes deste mundo masculino, validado pelas normas já apontadas, constituem, a meu ver, um sub-produto e passam a pertencer aos *outsiders* (Elias, 2000). Insiro, neste segundo grupo, os idosos do sexo masculino, sujeitos de minha pesquisa, ressaltando porém, a heterogeneidade presente entre estes e sobre a qual falaremos mais adiante. O que, baseada no pensamento de Welzer-Lang (2004), quero ressaltar é o fato de que um homem por mais que ocupe uma posição de dominância, acaba sendo submetido a hierarquias masculinas, o que corrobora para a idéia de que os homens não têm os mesmos privilégios. É preciso, segundo o autor, ter claro que os grandes homens são aqueles que têm um poder, seja bélico, político, científico, administrativo, religioso e assim por diante. De qualquer forma, o mais importante é ter clareza que estes poderes determinam os privilégios concedidos aos grandes homens em relação às mulheres ou a outros homens.

Os estudos sobre masculinidades indicam que para além de um modelo hegemônico, que privilegia o homem jovem, branco, com poder, virilidade e força para se impor, existem outras possibilidades de se viver o *script* masculino. Fundamentada no pensamento de Badinter(1993), quero lembrar que a masculinidade é uma construção cultural, portanto passível de mudanças; o que se constrói pode ser des-construído, o que se ensina, pode ser ensinado e apreendido de outras formas.

## **2- Envelhecer – o que se diz sobre...**

O envelhecimento é um processo do qual não podemos nos furtar, embora dramático, sobretudo em uma sociedade (ocidental) que supervaloriza a juventude, podemos dizer que ele nos tem e nós sobre ele não temos controle algum. Como nos diz Beauvoir(1990), envelhecer ou morrer prematuramente. Não temos outra possibilidade. O envelhecimento é um processo natural que adere à vida da pessoa e expressa sua temporalidade; envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior. É novamente Beauvoir (1990) quem nos fala da dimensão existencial do envelhecimento, como todas as situações humanas ele modifica a relação do homem com o tempo e re-constrói seu relacionamento com o mundo e com a sua própria história.

Envelhecer consiste em uma experiência heterogênea, que rebate de forma diferenciada sobre indivíduos e coortes. A influência de circunstâncias históricas e culturais, bem como, as diferenças determinadas pelo pertencimento a uma classe social, à raça e aspectos geracionais, vão delineando um processo que longe de ser homogêneo é marcado pela história de vida de cada indivíduo. Considerando-se a complexidade de tal processo, constato que a velhice não chega para todos ao mesmo tempo e que, a idade que marca socialmente o ingresso nesta fase não passa de uma referência para assimilação de novos papéis. A idade é, portanto, um conceito social. A idade é uma categoria, uma atividade sócio econômica, um modo diferente de vida que

comporta características pessoais, conflitos e objetivos. O critério cronológico funciona como referência, auxilia-nos na organização de papéis e eventos pertinentes à vida social, considerando que vivemos em um mundo temporalizado.

Vedan(2002) afirma que o ser humano sempre esteve, de alguma forma, preocupado com as questões ligadas à longevidade, à imortalidade e à juventude, assim a velhice sempre se constitui em um objeto de estudo para a humanidade. A busca incessante pelo viver eternamente jovem, faz parte dos sonhos da humanidade.

Quando analisei o papel ocupado pelo indivíduo idoso nos diferentes contextos históricos, percebi que o status vivenciado pelo mesmo está em grande parte determinado pela questão de sexo e pelo poder usufruído em função de condições econômicas, políticas, religiosas, entre outras. O gênero marca de forma desigual a condição do idoso; à mulher idosa destituída do poder concedido aos homens com privilégios resta, na maioria das vezes, aceitação de sua condição de dependência e desprestígio.

Com relação ao processo de envelhecimento brasileiro não tenho interesse, neste texto, de trazer as estatísticas já amplamente divulgadas em outros trabalhos, bem como no último censo, que confirmam o boom experimentado pelo país nas últimas décadas e que diz respeito ao envelhecimento populacional. O Brasil deve, em 2020, ocupar o ranking mundial de sexto país em população de idosos. Minha investigação, no entanto, se volta para a forma como o homem brasileiro vivencia sua masculinidade na fase da velhice neste país.

### 3- O homem – Velho

Para que eu possa falar do homem que designo acima como velho, necessito, antes de mais nada, fazer algumas considerações sobre a

terminologia aqui utilizada. Em trabalhos anteriores defendi a utilização do termo idoso como sendo o termo mais indicado para definir, de forma digna, a condição da pessoa que adentra na fase da velhice. Porém, entendemos agora que o termo velho é mais preciso para definir a condição de quem vivencia a velhice. Condição esta que pode ou não estar determinada pela idade cronológica em maior ou menor grau. O termo idoso definiria uma categoria de pessoas que, do ponto de vista jurídico, encontram-se com 60 anos ou mais e em função do critério cronológico, usufruem de um aparato legal que os protege em questões específicas da vida social. Assim, embora em outros momentos de estudo tenha considerado o termo velho carregado de preconceito, hoje, para este estudo, o considero a melhor forma de nominar os homens que fazem parte dos meus estudos.

O homem que adentra a fase da velhice, depara-se com uma grande contradição: manter sua condição de virilidade, força e poder ao mesmo tempo em que vivencia os estereótipos de senilidade, fraqueza e dependência ligados ao envelhecimento. Obviamente estamos falando aqui dos homens que se enquadram no padrão hegemônico de sexualidade masculina que permeia a nossa sociedade e sobre o qual já discorremos anteriormente. Não trataremos aqui da homossexualidade na velhice, até porque em nossa pesquisa, até o presente momento, nenhum de nossos entrevistados se declarou homossexual. A velhice masculina aparece assim marcada por uma luta constante entre a manutenção de um poder derivado da virilidade e uma representação social da velhice que indica ao velho um lugar de submissão, num contexto social que privilegia a eterna juventude.

A sociedade ocidental parece estar imbuída da ideia de que a velhice é em preto e branco. Desta lógica deriva-se uma política de gerenciamento da velhice em que as atividades propostas para os idosos, em sua maioria, parecem ter como objetivo o preenchimento do seu tempo; como se fosse melhor não pensar sobre o tempo da velhice. Dentro desta lógica proliferam termos como os de “melhor idade”, “maior idade” e “terceira idade”,

que dão à velhice ares lúdicos, onde o melhor ainda estaria por vir, mascarando, muitas vezes, uma realidade que denota o contrário.

Nas entrevistas que realizei com três homens acima dos 80 anos, amostra inicial, para a minha tese, identifiquei em suas falas, elementos que me levam a acreditar que realmente ser homem consiste em uma teatralização que se torna muito mais desafiadora na fase da velhice.

### 3.1- Com quem falei... e o que me falaram

Como estou em processo de pesquisa, optei por analisar partes das entrevistas realizadas até o momento. A metodologia utilizada é da história oral e como as mesmas ainda não foram finalizadas, poderão ser revistas, considerando-se a dialética do processo; trata-se portanto de um olhar sobre a realidade. Meus entrevistados serão aqui denominados A, B e C. **A é casado, empresário, 83 anos; B é viúvo, aposentado, 83 anos; C é casado, aposentado, 84 anos.** Através das narrativas de suas memórias, tento compreender como vão expressando sua masculinidade na velhice, a partir de pequenos fragmentos das narrativas, até o momento editadas por nossos entrevistados. Uso o termo editar para reforçar a idéia de que o recurso da memória é lacunar. Fala-se sobre o que está autorizado a ser lembrado. O eu é ressignificado, e as subjetividades se transformam em identidades. Neste processo de se dar à conhecer, destacamos os seguintes trechos das narrativas: **“eu queria ser jovem, hoje eu quase não trabalho”(C); “agora to me divertindo mais que em outros tempos”(B); “resolvi que iria me casar quando tivesse casa e condições de sustentar uma mulher, dispensei muitas, até ter condições econômicas”(A).**

É patente a noção de que homem deve expressar sua masculinidade através da sua força e capacidade econômica exercendo o seu papel de provedor. Para “C” o fato de não trabalhar atualmente, o deprime; em várias partes de seus

relatos expressa a importância do trabalho para que o homem seja respeitado como tal. Se apraz com as lembranças da época em que chefiava equipes, embora tenha trabalhado com serviços gerais, os quais requeriam pouca formação dentro da estrutura formal de ensino, vê nos tempos idos, a sua verdadeira vocação: **mandar, ter o controle da situação, ser produtivo num ambiente de “homens”**. Agora aposentado, não consegue se identificar com o ambiente doméstico, que para ele é lugar de mulher.

Para “B” a idéia de diversão atrelada a uma viuvez, demonstra a liberdade masculina desvinculada, talvez do papel de provedor, embora “B” tenha relatado que namora. De qualquer forma em seu relato “B” fala de uma liberdade sempre almejada e conquistada com a velhice e a viuvez; no entanto em outros momentos relata sentir falta da mulher, alegando não ter em quem mandar: **“as vezes sai um botão da camisa a gente pede para uma filha e ela faz de má vontade (...) com a esposa não, a gente manda e acabou”(B)**. Raízes de uma cultura patriarcal em que o homem exerce controle sobre a mulher aparecem nesta fala. O exercício do controle parental aparece como uma prerrogativa do poder masculino.

“A” também demonstra em sua fala a importância de um homem ter controle sobre quem viria a ser sua parentela, alegando só encontrar alguém para casar após ter uma casa e condições de prover sua futura família. E assim, segundo seus relatos, o fez. Primeiro construiu e arrumou a casa, depois elegeu a mulher e apresentou a ela o que seria seu futuro lar. Por se tratar de um empresário com grande poder econômico, “A” tem sua família sob seu controle, orgulha-se de contar que no seu tempo de jovem o estudo era melhor que nos dias atuais, mas que ele logo entendeu que o melhor investimento seria no **trabalho** e não nos estudos. Fala-nos também que o homem é como o ferro que precisa ser forjado.

Quanto mais dura a vida, melhor **o caráter do homem**. Acredita que velhice é um momento de reflexão e de se colocar a “pedra final”(A). Nas expressões de “A” percebe-se, fortemente, a citação de características de categorias

masculinas marcadamente influenciadas pelas culturas ibéricas e mediterrâneas que influenciaram a cultura brasileira, assim como, o legado do patriarcado. Percebemos através das falas dos entrevistados, as quais não foram transcritas na íntegra, que a velhice é marcada pelas condições de vida de cada indivíduo. As diferenças ligadas à classe social, econômica, raça e geração, dão forma às subjetividades e novas identidades vão sendo construídas nas relações com o outro. Através dos relatos, aqui apresentados, percebi que os homens velhos seguem vivendo pautados no que determina o modelo hegemônico de masculinidade.

#### 4- Enfim...

Contradições à parte, dificuldades na vivência cotidiana com os outros, introjeção de um modelo heterossexual, viril e detentor de poder, seguem determinando as vidas dos velhos homens que entrevistei. Suas identidades vão sendo re-construídas, ora pelas lembranças do homem que foram, ora pela busca do homem que acreditam ainda ser. Suas memórias percorrem tempos e espaços outros. A verdade ressurge na história de si que vai sendo contada. O eu fragmentado busca sua identidade; antes da escrita vem a narrativa. A mim coube o prazer de contar parte destas histórias, neste caso a “escrita de si” se faz pelas mãos do outro.

Não estou certa, ou pelo menos não mais tão certa, das dificuldades de “ser” quando se é velho. Elias em seu livro *A Solidão dos Moribundos* (2001) relata que: convidado para jantar na casa de um professor, quando ele próprio era professor visitante em uma determinada universidade, tomou assento em uma poltrona baixa e conversava com o então professor, quando a mulher do mesmo adentrou a sala e os informou que o jantar estava servido. Prontamente Elias se levantou; o colega emitiu um elogio sobre a sua condição física e complementou dizendo que a pouco tempo convidara outro professor e que o mesmo, após várias tentativas não conseguira se levantar sozinho. Junto com a narrativa o professor ria, ria muito e de forma impiedosa, se deliciava com a situação. Elias comenta sobre sentimento de empatia que se apossou dele com



relação ao outro professor e da sensação experimentada ao se perceber velho e por isso, motivo de escárnio e risos. A narrativa acima de um homem detentor de poder intelectual e acadêmico, me faz pensar sobre o ônus imposto à velhice em nossa sociedade.

Penso no poder das práticas discursivas que permeiam nossas representações sobre a velhice e, também sobre o ser homem. Penso nos seres humanos que são homens velhos e temem os risos do colega de Norbert Elias. Quero por ora finalizar citando Machado(2007) quando num resgate da célebre frase de Simone de Beauvoir diz: “não se nasce homem, torna-se um”, porém o modelo de masculinidade derivado das estruturas de poder patriarcal segue em transformação.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**, seguido de “Envelhecer e morrer”. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)**. 2007, 302f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOTTA, Alda Britto da. **As Dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento**. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, n. 13, p. 191-221, 1999.

VEDAN, Rosemeri Monteiro. **Envelhecimento: possibilidades e limites de um processo**. 2002, 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. **Os Homens e o Masculino numa Perspectiva de relações Sociais de Sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial, Edunisc, 2004. P. 107 – 128.